

Tema:

Ciência e políticas públicas: conectando saberes



O SUJEITO FRAGMENTADO NA ERA DIGITAL: O OLHAR COMO OBJETO A NAS REDES SOCIAIS

Agatha AYRES

Daniele QUINI

Simone FERNANDES

Angelo FERRO ¹

RESUMO: A constituição do sujeito, tal como concebida pela psicanálise freudiana e lacaniana, pode ser articulada às transformações da contemporaneidade, sobretudo no contexto das redes sociais digitais. A formação psíquica não se apresenta como um processo linear, mas como uma dinâmica complexa, marcada por identificações, alienações e pela presença constante do Outro.

Na obra de Freud, o conceito de aparelho psíquico sofreu deslocamentos significativos, revelando a sofisticação da metapsicologia. Desde as primeiras investigações sobre a afasia até o *Projeto para uma Psicologia Científica*, e posteriormente nas formulações da primeira e da segunda tópicas, observa-se a construção de modelos que procuram dar conta do funcionamento do psiquismo. Tais modelos evidenciam que a constituição subjetiva se organiza em permanente tensão entre corpo, memória, linguagem e desejo.

Lacan, em continuidade crítica a Freud, acrescenta uma contribuição decisiva com o conceito de *estádio do espelho*, formulado em 1949. Nesse momento estruturante, a criança identifica-se com a imagem refletida, inaugurando o eu, mas um eu essencialmente alienado, pois constituído sob a égide do olhar e do desejo do Outro. A formação da identidade, nesse sentido, aparece sempre atravessada por alteridade e falta, o que torna esse conceito fundamental para a compreensão do sujeito na contemporaneidade.

Na era digital, as telas assumem a função de novos espelhos, multiplicando as possibilidades de representação do eu. As redes sociais operam como vitrines que oferecem reconhecimento, validação e pertencimento, mas que simultaneamente produzem alienação e fragmentação. O sujeito contemporâneo divide-se entre a imagem exposta, a identidade idealizada e a percepção do olhar alheio, sustentando-se em um narcisismo permanentemente convocado. O olhar digital,

¹ 1 Agatha Lorrayne Ayres Dos Santos Rocha, Discente de Graduação em Psicologia E-mail: Ayres-lorrayne1@hotmail.com 2 Simone Cristina Bispo Fernandes, Discente de Graduação em Psicologia E-mail: Simonefernandes2309@gmail.com 3 Daniele Cristina Vieira Quini, Discente de Graduação em Psicologia, E-mail: danielequini2@gmail.com 4 Mº Angelo Ferro, Orientador do trabalho e Docente do curso de psicologia do Centro Universitário Antonio Eufrásio de Toledo de Presidente Prudente. E-mail: angelolferro@gmail.com

convertido em objeto causa de desejo, alimenta a necessidade incessante de reaparecer e de manter-se visível, sob o risco de cair na invisibilidade.

A psicologia das massas, desenvolvida por Le Bon e retomada por Freud, contribui para ampliar essa análise. Segundo esses autores, o indivíduo, ao integrar uma coletividade, tende a enfraquecer sua racionalidade crítica e a aderir a processos de contágio emocional e de identificação com líderes. Tal fenômeno encontra, nas massas digitais, uma atualização notável: influenciadores, algoritmos e tendências assumem a posição de liderança simbólica, regulando comportamentos e orientando identificações. Nesse contexto, a singularidade subjetiva é frequentemente sacrificada em prol da adesão a ideais coletivos, intensificando a lógica da alienação.

Conclui-se que, embora os dispositivos tecnológicos representem novidade histórica, os processos psíquicos que atravessam o sujeito permanecem descritos pela psicanálise. A contemporaneidade apenas reconfigura o campo em que tais processos se manifestam, demonstrando que as contribuições freudianas e lacanianas mantêm plena atualidade. O sujeito digital, atravessado pelo olhar do Outro e pelas massas virtuais, encontra simultaneamente reconhecimento e fragilidade, em um equilíbrio precário entre visibilidade e esvaziamento de sua identidade.

Palavras-chave: Psicanálise; Sujeito; Estádio do espelho; Redes sociais; Massas digitais.